

NEOLOGISMO E IDEOLOGIA: ESTRATÉGIAS LINGUÍSTICAS UTILIZADAS NA CRIAÇÃO DA NOVAFALA PARA CONTROLAR O PENSAMENTO DA SOCIEDADE NA OBRA 1984, DE GEORGE ORWELL

Marlon Cleyton Pereira de Oliveira¹

Resumo: *O presente artigo tem como objetivo analisar, a partir da obra literária distópica 1984, de George Orwell, as estratégias linguísticas utilizadas para a criação das novas palavras pertencentes à Novafala – língua fictícia criada pelo autor em sua obra literária – e como essas estratégias são utilizadas pelo Partido Socing (palavra em Novafala para se referir ao socialismo inglês) para limitar e controlar o pensamento da sociedade do superestado Oceania e fortalecer sua ideologia por meio da criação de uma língua. Para observar tal fato, foram analisadas palavras pertencentes à Novafala sob a luz das teorias de signo ideológico de Bakhtin e Volochinov (2006), análise do discurso de linha francesa, sendo abordada, nesse artigo, sob a ótica de Eni Orlandi (2005) e Helena Brandão (1997) e os estudos de Nelly Carvalho (1987 e 2006) sobre neologismo. Por meio do corpus analisado, foi possível entender como ocorrem os processos de criação das palavras na Novafala, como essas palavras estão carregadas pela ideologia dominante e como, por meio da língua, o Partido consegue obter o controle do pensamento da sociedade. Porquanto, a língua ao ser utilizada de um modo prático, será sempre inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida. Consoante à globalização ocorre o surgimento de novas palavras utilizadas para significarem novas coisas e ideias trazendo em si uma grande carga ideológica com o objetivo, implícito ou explícito, de aceitação massiva para uma nova visão de mundo.*

Palavras-Chave: *Neologismo. Ideologia. Análise do discurso. George Orwell.*

Abstract: *This article aims to analyze, from George Orwell's literary work, 1984, the linguistic strategies used for the creation of new words belonging to Newspeak – a fictional language created by the author in his literary work - and how these strategies are used by the Ingsoc Party (word in Newspeak to refer to English socialism) to limit and control the Oceania society's thought and support its ideology by creating a new language. To observe this fact, words belonging to Newspeak were analyzed from the Bakhtin and Volochinov's (2006) theory of ideological sign, French discourse analysis, being approached, in this article, from the perspective of Eni Orlandi (2005) and Helena Brandão (1997) and Nelly Carvalho's studies (1987 and 2006) about neologism. Through the corpus analyzed, it was possible to understand how the processes of word creation occur in Newspeak, how these words are loaded by the dominant ideology and how, through the language, the Party manages to gain control of the society's thought. When the language is used in a practical way, it will always be inseparable from its ideological or life related content. And with globalization the creation of new words used to mean new things and ideas occurs, loading with them a great ideological charge with the purpose, implicit or explicit, of mass acceptance for a new world view.*

Keywords: *Neologism. Ideology. Discourse Analysis. George Orwell.*

Introdução

¹ Licenciando do 8º período do Curso de Letras Português/Inglês da FOCCA – Faculdade de Olinda. E-mail: marlonml2120@hotmail.com

Neste artigo, será analisado, com base nas teorias de signo ideológico dos filósofos russos Mikhail Bakhtin e Valentin Volochinov, análise do discurso de linha francesa e neologia, o uso de neologismos na criação de uma nova língua para obter o domínio do pensamento de uma sociedade. Tal análise será realizada a partir da leitura da obra de George Orwell, *1984* (2009).

Entretanto, como é possível, utilizando a estratégia linguística de neologismo, conseguir controlar o pensamento de uma sociedade através de uma nova língua? Orwell em sua obra *1984* apresenta uma nova língua, a *Novafala*, criada pelo Partido *Socing* com o objetivo de ter controle do pensamento da sociedade e, desta forma, obter sucesso na aceitação de sua ideologia.

A língua concebida como um sistema social revela todo o seu dinamismo ao se mostrar como um processo que está em constante transformação, permitindo a criação de novas palavras. Partindo desse pressuposto, pode-se verificar que a partir da criação de uma nova língua é possível implantar uma nova ideologia e ter controle, até mesmo do pensamento, numa sociedade.

Parafraseando Bakhtin e Volochinov (2006), a língua, ao ser utilizada de um modo prático, será sempre inseparável de seu conteúdo ideológico ou relativo à vida e ao cotidiano. Consoante à globalização surgem novas palavras utilizadas para significar novas coisas e ideias. Sendo a palavra o fenômeno ideológico por excelência, as palavras são criadas com uma grande carga ideológica com o objetivo, implícito, de aceitação massiva pela população, para uma nova visão de mundo.

Para a análise, será tomado como base o conceito de signo ideológico de Bakhtin e Volochinov, consoante a análise do discurso de linha francesa, para analisar, através da obra literária, *1984*, como a criação de uma nova língua é capaz de controlar e limitar o pensamento de uma sociedade e, por meio dela, a aceitação de uma nova ideologia.

Em seguida, será realizada uma análise da amostra de algumas palavras da *Novafala*, com embasamento na neologia, para mostrar como ocorre o processo de criação das palavras da *Novafala*, o motivo da “destruição” das palavras da *Velhafala* e como essas novas palavras estão carregadas pela ideologia do Partido.

O signo ideológico em Bakhtin

Em “*Marxismo e filosofia da linguagem*” (2006), Bakhtin e Volochinov explicam que, ao se lançar um olhar objetivo para a língua, não se encontra nela um sistema de normas imutáveis, mas, ao contrário, uma “evolução ininterrupta das normas da língua”. Dessa forma, é possível verificar que a língua age como um organismo vivo na sociedade, não sendo um produto acabado e “percebendo a língua de um modo completamente diferente daquele como ela aparecia para um certo indivíduo, num dado momento do tempo”, a língua se mostra como um processo evolutivo e ininterrupto se transformando de tempos em tempos (BAKHTIN e VOLOCHINOV, 2006, p.91).

Bakhtin e Volochinov (2006) explicam que a “palavra” (signo) sempre se dá em contextos de enunciações precisos, em decorrência disso, a palavra sempre estará “carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”, pois “não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc.” (BAKHTIN e VOLOCHINOV, 2006, p.96).

Nesse sentido, pode-se salientar que, na realidade, o locutor utiliza a língua em situações concretas, em um contexto concreto. Para o locutor, o centro de gravidade da língua está no novo significado produzido neste contexto, afastando-se da conformidade da norma. Importa ao locutor que a palavra sirva para determinada situação, tornando-a um signo adequado às condições dessa. A palavra ganha importância para o locutor na medida em que se apresenta como signo variável e flexível, não como sinal estável e sempre igual a si mesmo.

Ainda segundo Bakhtin e Volochinov:

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (2006, p.34)

Dessa forma, é possível entender que a palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas e mais efêmeras das mudanças sociais. E, portanto, fica claro que “a palavra sempre será o indicador mais sensível de todas as transformações sociais”, até mesmo, aquelas que ainda não tomaram forma ou que ainda não se estruturam em uma ideologia bem definida (BAKHTIN e VOLOCHINOV, 2006, p.40).

Assim, pode ser compreendido que, sendo ela o fenômeno ideológico por excelência, a palavra dialógica tanto pode libertar e mostrar um mundo sem fronteira, quanto ser utilizada como ferramenta intencional que se converte no poder do tirano. Pois quem tem um domínio

proficiente das palavras pode usá-las a seu favor, atribuindo significados diferentes dependendo de qual ideologia ou de qual lugar essa pessoa se encontra na divisão das classes sociais.

Sujeito e ideologia sempre caminham juntos

Segundo Orlandi (2005, p.42), “[...] podemos dizer que o sentido [da palavra] não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas.”. Deste modo, podemos entender que as palavras mudam de sentidos de acordo com as posições daqueles que as utilizam.

Ademais, Orlandi nos apresenta o conceito de formação discursiva (doravante FD) sendo “como aquilo que numa formação ideológica dada [...] determina o que pode e deve ser dito”. (ORLANDI, 2005, p.43). A FD permite melhor compreender o processo de produção de sentido das palavras e a relação com a ideologia, uma vez que, “as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem” (ORLANDI, 2005, p.43).

Palavras iguais podem mudar de sentido de acordo com o sujeito que as proferem. É dada como exemplo a palavra terra, se escrita com letra maiúscula Terra ou minúscula terra, se dita por um índio ou por um agricultor, todos esses usos se dão em condições de produção diferentes e têm significados diferentes, pois se referem a diferentes formações discursivas.

Helena Brandão, em seu livro “*Introdução à análise do discurso*” (1997), explica que um conjunto de enunciados que se remetem a uma mesma FD produz o discurso. Para Foucault (apud BRANDÃO, 1997, p.28):

a análise de uma formação discursiva consistirá, então, na descrição dos enunciados que a compõem. [...] a noção de enunciado é contraposta à noção de proposição da frase [...], concebendo-o como unidade elementar, básica, que forma um discurso.

O discurso é o espaço em que posição e poder andam juntos, pois quem fala, fala de algum lugar, a partir de um direito reconhecido institucionalmente, sendo o discurso, que passa a ser verdadeiro, gerador de poder. Então, a produção do discurso gerador de poder é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos procedimentos que têm como função eliminar toda e qualquer ameaça à permanência desse poder. Quem fala, mesmo que seja um convidado, é vigiado pelo outro, por esse motivo, existe a tensão ao discursar. Em cada local, existem regras implícitas que norteiam o que e como as palavras devem ser ditas e ouvidas. (FOUCAULT, 1996).

Na perspectiva Althusseriana, o indivíduo se torna sujeito pela submissão à língua, na história. O indivíduo é afetado pelo simbólico, pelo sistema de signos. Portanto, não há sujeito nem sentido sem o assujeitamento à língua.

Ainda mais, Brandão (1997) explica que assujeitamento:

consiste em fazer com que cada indivíduo (sem que ele tome consciência disso, mas ao contrário, tenha a impressão de que é o senhor de sua própria vontade) seja levado a ocupar seu lugar, a identificar-se ideologicamente com grupos ou classes de uma determinada formação social. É o mesmo que interpelação ideológica (BRANDÃO, 1997, p.89).

Quando um indivíduo nasce, ele não inventa uma nova língua, pelo contrário, ele se insere no processo discursivo que já está instalado na sociedade e desse modo é submetido à língua, subjetivando-se. Quando é dito que o sujeito, para se constituir, deve submeter-se à língua, ao simbólico, não está sendo dito que o indivíduo é pego pela língua enquanto sistema formal (estruturalista), mas sim, pelo jogo da língua na história, na produção de sentidos. É o *acontecimento* do objeto simbólico que os afeta como sujeitos. O sujeito se submete à língua, mergulhado em sua experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar(se) – em um gesto, um movimento sócio-historicamente situado em que se reflete sua interpelação pela ideologia. Desse modo, o sujeito é interpelado pela ideologia dominante e será “controlado” sobre o que dirá e pensará.

Neologismo: uma nova língua para controlar

Na obra literária distópica, *1984* de George Orwell (2009), o mundo se encontra dividido em três superestados – *Eurásia*, *Lestásia* e *Oceania*. A história se passa no superestado da *Oceania*, onde a sociedade vive aprisionada num sistema totalitário dominado pelo Estado. Ninguém está livre para tomar suas próprias decisões, pois são vigiados vinte e quatro horas por dia pelo *Big Brother* (Grande Irmão em tradução livre) para que a sociedade não cometa “crimes” contra o Estado. O partido *Socing* (palavra utilizada em *Novafala* para o Socialismo Inglês) tem como objetivo manter o controle de toda sociedade, até mesmo, o controle do pensamento. Assim sendo, o Partido cria uma nova língua (*Novafala*, na versão original *Newspeak*) que “destrói” os vocábulos (a maior parte sinônimos e antônimos) da *Velhafala* (*Oldspeak*, na versão original) e utiliza da estratégia de neologia para a criação de novas palavras.

A *Novafala* é dividida em três categorias de palavras: A, B e C. A Categoria A é composta por palavras concernentes às atividades do dia-a-dia: comer, trabalhar, vestir-se, utilizada pela classe proletária. É impossível utilizar a categoria A para propósitos literários e filosóficos. A categoria B é formada por palavras que foram criadas com teor político e são utilizadas por membros do Partido. E, por fim, a categoria C é formada, apenas, por termos de cunho técnico-científico que são utilizados principalmente pelos cientistas membros do Partido.

Algumas palavras da *Novafala* fazem parte do léxico da *Velhafala* – nesse caso, o Inglês contemporâneo do século XXI, por ser a língua materna do autor – e passam pelo processo de adições de afixos (prefixo e sufixo) – geralmente as palavras da categoria A – e outras pelo processo de justaposição ou aglutinação, dando origem, deste modo, aos neologismos.

Segundo Nelly Carvalho (1987), neologismos são novas palavras criadas num momento dado da história da língua e está ligado com o contexto sócio-histórico da sociedade falante dessa língua. Nos neologismos pode ser encontrado o verdadeiro retrato da sociedade de uma determinada época. Os neologismos podem ser divididos em conceptual (semântico) e formal (morfológico e sintático). Aqui neste artigo, será abordado apenas o neologismo formal morfológico.

Ainda, segundo Carvalho (2006, p.195), “O neologismo formal constitui uma palavra nova introduzida no idioma, podendo ser vernáculo ou estrangeiro”. Desse modo, o neologismo morfológico pode ser formado a partir de palavras já existentes no léxico da língua, passando por modificações ou adaptações, tais como: o acréscimo de afixos, justaposição, aglutinação ou adaptações de empréstimos linguísticos.

Na obra literária de Orwell, *1984*, é possível observar uso da estratégia linguística, supracitada, para a criação de palavras da *Novafala*. Segue a amostra selecionada com alguns exemplos: *desbom*, *desfrio*, *duplimaisbom* e *velocidoso* que significam, respectivamente, ruim, quente, maravilhoso e rápido. Para a formação das palavras dadas como exemplos, ocorre o processo de afixação. Segue abaixo um quadro explicando tal processo.

Quadro 1 - palavras 1

Palavra em Novafala	Processo de formação
<i>Desbom</i>	Prefixo <i>des</i> + adjetivo bom
<i>Impessoa</i>	Prefixo <i>im</i> + substantivo pessoa
<i>Duplomaibom</i>	Prefixo <i>duplo</i> + intensificador mais + bom
<i>Velocidadoso</i>	Substantivo velocidade + sufixo <i>oso</i>

Fonte: 1984, George Orwell

As palavras do Quadro 1, criadas pelo autor, mostram o processo de neologismo morfológico, pois são criadas a partir da adição de afixos, para expressar ideias de antônimos, superlativos e adjetivos. As palavras criadas para expressarem sentido oposto (antônimos) são formadas pelo prefixo de negação *des* ou *im* + a palavra que se pretende utilizar o antônimo. Os adjetivos que expressam superlativos são formados a partir do uso do prefixo *Duplo* + o intensificador *mais* + o adjetivo. Os adjetivos são formados a partir do uso do substantivo desejado + o sufixo *oso*, que expressa ideia de posse plena ou abundância. Todavia, qual a necessidade do uso de estratégias linguísticas dessa natureza?

Na obra 1984, Orwell cria o personagem Syme, um filólogo, o qual é um dos responsáveis pela criação da língua e dos dicionários da *Novafala*. Syme explica o porquê do uso dos afixos em palavras que já existem em *Velhafala*:

As palavras já contêm em si mesmas o seu oposto. Pense em “bom”, por exemplo. Se você tem uma palavra como “bom”, qual a necessidade de uma palavra como “ruim”? “Desbom” dá conta perfeitamente do recado. É até melhor, por que é um antônimo perfeito, coisa que a outra palavra não é (ORWELL, 2009, p.68).

Assim sendo, as palavras perdem seus antônimos e sinônimos pelo uso dos afixos. Contudo, se o objetivo é criar uma nova língua, por que estão reduzindo o vocabulário, ao invés de ampliá-lo, qual o propósito disso?

Segundo Carvalho (1987, p. 10), “sempre criar uma palavra é impor um conceito [...] a criação é um ato social, uma tentativa de impor uma visão de mundo a uma comunidade”. Uma vez que, a língua está intrinsecamente ligada a ideologia, a criação de novas palavras e a “destruição” de velhas palavras acarretarão uma nova visão de mundo, tendo, deste modo, um terreno fértil para a implantação e aceitação de uma nova ideologia. Parafraseando Bakhtin (1988, p. 34) a palavra se torna o fenômeno ideológico por excelência e a ideologia será “aceita” e se propagará pela sociedade através da língua.

Ademais, Orwell, em um apêndice na obra *1984*, nos explica que:

O objetivo da Novafala não era somente fornecer um meio de expressão compatível com a visão de mundo e os hábitos mentais dos adeptos do Socing, mas também inviabilizar todas as outras formas de pensamento. A ideia era que, uma vez definitivamente adotada a Novafala e esquecida a Velhafala, um pensamento herege – isto é, um pensamento que divergisse dos princípios do Socing – fosse literalmente impensável, ao menos na medida em que pensamentos dependem de palavras para ser formulados (2009, p. 348).

Continuando com a ideia de Orwell, os pensamentos dependem das palavras para serem formulados e enunciados. E uma vez que se tem o controle de quais palavras serão ditas, se tem o controle do que será pensado de forma massiva. Dessa forma, é possível verificar a Formação Discursiva em prática na *Novafala*, determinando o que pode e deve ser dito através de uma imposição implícita pelo Partido.

Ainda mais, a *Novafala* possui um grande número de palavras criadas através do processo de justaposição e aglutinação, das quais, sua maior parte, pertence à categoria B. Abaixo, segue um quadro com algumas palavras que foram criadas a partir dos processos supracitados e seus significados:

Quadro 2 - de palavras 2

Palavra em Novafala	Processo de criação
<i>Bempensar</i>	Justaposição do advérbio bem + o verbo pensar
<i>Bonsexo</i>	Aglutinação do adjetivo bom + o substantivo sexo
<i>Crimeideia</i>	Justaposição dos substantivos crime + ideia
<i>Duplipensar</i>	Aglutinação do prefixo duplo + o verbo pensar
<i>Facecrime</i>	Justaposição dos substantivos face + crime
<i>Negrobranco</i>	Justaposição dos substantivos negro + branco

Fonte: *1984*, George Orwell

As palavras do Quadro 2 estão carregadas da ideologia imposta pelo Partido e foram criadas com o objetivo de determinar o que a sociedade deve pensar e/ao falar. Ao utilizar de tais palavras, o Partido tem o controle do pensamento da sociedade sobre sua ideologia, pois desta forma, ele pode justificar suas ações por meio das palavras criadas.

Nos quatros parágrafo a seguir, serão discutidos os significados e valores ideológicos das palavras presentes no Quadro 2 e uma palavra, em especial, do Quadro 1.

A palavra *Bempensar* significa pensar de maneira ortodoxa ao Partido, não sendo aceitas ideias contrárias ou críticas ao mesmo. Dessa forma, a sociedade é induzida e obrigada a aceitar a ideologia desse grupo para não cometer *Crimeideia* (ideia contrária à ideologia do Partido). A palavra *Bonsexo* tem o mesmo significado que em *Velhafala*, porém, com uma ideia a mais, a ideia de fazer sexo apenas para reproduzir crianças para o Partido. Uma vez aceita essa ideia pela sociedade, todas as crianças serão de poder do Partido, sendo-as interpeladas pela ideologia desde seu nascimento.

Na sequência, a próxima palavra é *Duplipensar* que significa manter dois pensamentos contrários entre si e aceitá-los como certos. Como exemplos, podem ser citados os *slogans* do Partido: “Guerra é Paz”, “Liberdade é Escravidão” e “Ignorância é Força”. A palavra *Facecrime* significa rosto com expressão imprópria, pode ser usada para denunciar qualquer pessoa que fosse suspeita, através da expressão facial, de recusar ou não simpatizar com as ideias do Partido, sendo essas pessoas presas por cometerem *Crimeideia*.

Ainda, a palavra, do Quadro 1, *Impessoa* significa pessoa não grata ao Partido, tendo essa pessoa ido contra a ideologia do Partido e rebelando-se, causando uma “suposta” ameaça. Antes de se tornar *Impessoa*, a pessoa era *vaporizada* – termo utilizado por Orwell na obra para se referir a uma pessoa que foi assassinada pelo Partido e teve todo o seu histórico social apagado.

E, por fim, a palavra *Negrobranco*. Esta palavra tem dois sentidos, um usado para se referir aos inimigos do Partido (não explicada pelo autor o porquê do uso) e a outra que se refere ao costume de afirmar descaradamente que o preto é branco (contradizendo a evidência) pois assim o Partido prescreveu.

As palavras supracitadas fazem parte da categoria de palavras B, as quais designam conceitos políticos. O Partido não teme a revolta do proletariado, mas sim dos membros do Partido, pois as condições de produção de discurso por parte deles podem despertar o conhecimento, e conseqüentemente, a revolta por parte do proletariado, por possuírem posições mais elevadas na sociedade. Deste modo, o Partido foca na criação de palavras da categoria B, por serem utilizadas com mais frequência pelos membros do Partido, para ter sucesso em sua “alienação” e aceitação ideológica.

A partir do momento em que a *Novafala* for imposta como a língua oficial da *Oceania*, as pessoas terão que esquecer a *Velhafala*, consoante a este esquecimento irão todas as

ideologias externas ao Partido. Desse modo, toda ideia e/ou crítica contrária à ideologia do Partido será abolida.

Entretanto, a criação de uma nova língua não significa que será aceita pela sociedade de forma natural ou satisfatória, pois já existe uma língua carregada de valores histórico-culturais. Para tal aceitação, é necessário que os conceitos das novas palavras da *Novafala* sejam entendidos pela sociedade e passem a ser utilizados de forma natural por ela como língua nativa.

Maria Aparecida Barbosa (apud ISQUERDO e OLIVEIRA, 1998), em seu livro “*Da neologia à neologia na literatura*”, aborda três processos na formação dos neologismos: a criação, a pós-criação e a dicionarização. Para a autora, o momento da pós-criação, que se refere à recepção ou ao julgamento de sua aceitabilidade por parte dos destinatários, bem como sua inserção no vocabulário e no léxico de um grupo linguístico cultural, são as partes mais importantes do processo. Pois será através deles que tais palavras serão utilizadas pela sociedade com a carga ideologia determinada pelo Partido, uma vez que, o indivíduo se torna sujeito pela submissão à língua, sendo, dessa maneira interpelado pela ideologia. Por conseguinte, faz com que a sociedade tenha a impressão que é dona de sua própria vontade e se identifica com a ideologia dominante, ocorrendo o assujeitamento. (BRANDÃO, 1997, p.89)

Ainda mais, não basta, apenas, a criação do neologismo para que ele se torne membro integrante do léxico de uma língua. Para tanto, é necessária a criação de um dicionário com as novas palavras. Syme, filólogo na obra orwellana, explica que ao terminar de escrever 11ª edição do dicionário da *Novafala*, as pessoas serão “obrigadas” a aprender tudo de novo, aprender a nova língua e os novos conceitos das palavras.

No entanto, nem todas as palavras da *Velhafala* foram “destruídas”, algumas poucas palavras ainda permanecem na *Novafala*, porém passaram a ter outros valores semânticos. É dada como exemplo a palavra “livre”, que existe em *Novafala*, porém só poderá ser empregada em sentenças como: “O caminho está livre” ou “a mesa está livre”, mas nunca com o seu sentido antigo, como por exemplo: “politicamente livre” ou “Intelectualmente livre”, uma vez que, o partido tem como um de seus *slogans*: Liberdade é Escravidão.

Conclusão

Em suma, entendo a palavra como signo ideológico, assim proposto por Bakhtin e Volochinov (2006), juntamente com a AD de linha francesa, foi possível verificar como as palavras possuem uma certa carga ideológica e podem ser utilizadas pelo tirano para controlar

e manipular o pensamento duma sociedade e, desse modo, propagar sua ideologia por meio da língua.

Ainda mais, ao estudar os neologismos, estão sendo analisados não apenas os processos de formação de novas palavras, como também a evolução sociocultural da sociedade. Sendo a língua um marcador sensível das mudanças de uma sociedade, é possível captar tais mudanças sociais por meio da criação de novas palavras e seus novos conceitos. Pois é por meio da língua que primeiro se fundamenta, se implanta e se aceita uma nova visão de mundo. Sendo possível utilizá-la como ferramenta de domínio através de ideologias impostas por pessoas de alta posição e poder numa sociedade, assim como pôde ser verificado na análise de algumas palavras da *Novafala*. Nesse sentido, as palavras são essencialmente ideológicas e carregadas de produção simbólicas como estrutura de dominação.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009. 128 p.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: HUCITEC, 2006. 204 p.

BRANDÃO, Helena H. Nagamire. **Introdução à análise do discurso**. 6. ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997. 96 p.

CARVALHO, Nelly. **O que é neologismo**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 78 p.

CARVALHO, Nelly. Criação Neológica. **Revista Trama**, Paraná, v. 2, n. 4, p. 191-203, 2º semestre 2006. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/681>. Acesso em: 13 dez. 2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

ISQUERDO, Aparecida & OLIVEIRA, Ana Maria (org.). **As Ciências do Léxico**. Mato Grosso do Sul: UFMS, 1998.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise De Discurso: Princípios e Procedimentos**. 5. ed. São Paulo: Pontes, 2005. 100 p.

ORWELL, George. **1984**. 1. ed. São Paulo: Companhia Das Letras, 2019. 414 p.